

## Classe média no Brasil: adesão e afastamento em relação ao bolsonarismo?

Palavras-Chave: [Bolsonarismo], [Fascismo], [Classe Média]

Autoria: Hugo Goulart de Faria / IFCH-UNICAMP

Orientação: Prof. Dr. Sávio Machado Cavalcante / IFCH-UNICAMP

### INTRODUÇÃO:

As pesquisas de intenção de voto e de opinião pública desde 2018 têm sinalizado um movimento de adesão e recente afastamento da classe média brasileira à candidatura e ao posterior mandato de Jair Bolsonaro. Esta pesquisa teve por objetivo organizar dados de pesquisas de opinião pública e propor hipóteses explicativas, a partir de sínteses teóricas dos eixos determinados, orientadas por trabalhos já realizados em sociologia política. Espera-se, com os resultados e desdobramentos alcançados, contribuir para a compreensão das razões sociológicas que informam o comportamento político da classe média brasileira no contexto de ofensiva neoliberal e ameaça *neofascista*, com atenção especial - como momento de inflexão na articulação entre as temáticas - ao contexto de pandemia da COVID-19 e da crise política com o provável fim do “casamento” entre bolsonarismo e lavajatismo.

Assim, em sua dimensão teórica o presente artigo buscou, a partir do diálogo entre bibliografias a respeito do *fascismo* e de sua continuidade para além das experiências do século XX, posicionar-se sobre a pertinência do conceito para a análise do bolsonarismo no Brasil do século XXI. Para tanto, relações foram tecidas entre considerações sobre o fascismo histórico – de Palmiro Togliatti, Antonio Gramsci, Clara Zetkin e Leon Trotsky – sobre o fascismo no Brasil – de Pedro Dória, Leandro Gonçalves e Odilon Neto – e sobre o bolsonarismo, como as Armando Boito e Sávio Cavalcante. Com relação a este eixo teórico, pretendeu-se contribuir com o debate a respeito do conceito de *fascismo*, defendendo uma amplitude que possibilite a aplicação para a análise dos fenômenos concretos, ou seja, dinâmicos, mesmo que mantendo características essenciais.

Outra dimensão, de igual importância para a análise teórica e empírica dos objetivos estabelecidos, foi o debate teórico a respeito das classes sociais, especificamente a *classe média*, ao considerarmos seu possível papel de núcleo do movimento *neofascista*, ao considerarmos o fascismo como: um *movimento reacionário de massas* – enraizado em classes intermediárias das formações sociais capitalistas, com ideologia heterogênea e pouco sistemática, e um discurso superficialmente crítico (ou seja, com ares disruptivos e não burgueses, dado seu aspecto de massa), mas profundamente conservador, dado que serve, em última instância, aos interesses da burguesia internacional e interna associada (quando no contexto diferenciado do século XXI). Objetivamos assim analisar a adequação da hipótese segundo a qual o núcleo desse movimento fascista contemporâneo é composto majoritariamente por agentes da classe média brasileira. Para tanto, analisamos pesquisas de opinião pública, buscando compreender como a heterogeneidade da classe média provoca efeitos em termos de adesão a pautas do bolsonarismo.

Assim, objetivamos ao fim da pesquisa compreender a dinâmica do comportamento político e a relação da classe média brasileira com o movimento bolsonarista e com o governo Bolsonaro, buscando confirmar a hipótese inicial (um movimento eleitoral de maior adesão, seguido de um afastamento), com atenção especial a dois fatores de possível inflexão na configuração da base social do governo: a cisão com o lavajatismo (com a demissão do Ministro

da Justiça e ex chefe da Lava Jato, Sérgio Moro) e o contexto da pandemia do Covid-19. Visualizamos essa relação (entre a tese da classe média como núcleo do movimento *neofascista* e os dados empíricos) a partir da organização de dados de pesquisas de opinião pública, ao comparar variáveis e assim descrever dinâmicas do comportamento político, propondo ao fim hipóteses explicativas aos eixos desenvolvidos.

## **METODOLOGIA:**

Conforme apresentado no projeto inicial, temos uma hipótese em questão na presente pesquisa: há uma adesão de parte majoritária da classe média à candidatura e ao primeiro ano de governo de Jair Bolsonaro e, posteriormente, com a saída de Moro e aumento da crise pandêmica, inicia-se um processo de afastamento em relação ao governo. Assim, buscamos nesta pesquisa relacionar comportamento político e eleitoral a ideologias e interesses de classe. Por fim, observamos o rompimento com o lavajatismo e a pandemia do Covid-19 (com as respectivas consequências sociais, econômicas e políticas), como dois possíveis eixos de inflexão da base social do governo.

Destacamos a classe média na análise das pesquisas, a partir de dois aspectos: o nível de qualificação profissional – no caso, basicamente a escolaridade em ensino superior – e a renda, tomando como noção prática de pesquisa o “pisso” de 5 Salários Mínimos para o enquadramento na classe (podendo esta renda ser familiar ou individual, e ser subdividida a partir de 10 SM como “alta” classe média, a depender da pesquisa em questão).

Consideramos em nossa análise diferentes metodologias (amostragem, período e forma de coleta de dados, recrutamento, desenho amostral, margens de erro, etc.) presentes na diversidade de institutos de pesquisas, bem como dados pertinentes disponíveis (percentual de acerto dos vencedores da disputa, indicações de margens de erro e percentual de resultados dentro dela, etc) a partir de dados comparativos. Esses são fornecidos, por exemplo, pelas pesquisas Atlas de Janeiro e de Março de 2021 (que analisam diferenças metodológicas do instituto com os principais “concorrentes”: o Ibope, Datafolha, Realtime Big Data, Paraná Pesquisas e XP/Ipespe). Pretendemos assim, na apresentação do Relatório Final, apreender resultados gerais na relação de resultados entre distintos institutos de pesquisas, considerando suas particularidades.

Com a análise e organização de algumas pesquisas, confeccionamos um documento no qual estão organizados dados pertinentes às análises dos fatores determinados no projeto inicial, e que serão apresentados no relatório final de atividades de forma mais sistemática. Neste sentido, as “séries temporais” foram valorizadas, na medida em que permitem visualizar o caminho do comportamento eleitoral percorrido ao longo do tempo, indicando possíveis impactos de acontecimentos pontuais ou prolongados nas diversas avaliações.

Observamos aspectos como o impacto eleitoral do rompimento do governo com o lavajatismo, ao analisar mudanças na imagem pública do ex-chefe da Lava Jato e na aprovação do governo, decorrentes das tensões e posterior “divórcio” entre os dois. Como também os impactos advindos da pandemia de Covid-19, suas consequências (com foco no Auxílio Emergencial, sendo esta a política principal quanto ao impacto eleitoral) e a reação do governo perante ela, como por exemplo ao observarmos a tensão deste com o ex-ministro Luiz Henrique Mandetta e as mudanças de sua imagem pública decorrentes (que podem indicar o afastamento de setores da sociedade descontentes com a oposição do governo em adotar as medidas sanitárias recomendadas por autoridades nacionais e internacionais).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Com a análise das pesquisas de opinião, visualizamos um primeiro pico de reprovação do governo Bolsonaro, nos primeiros meses da pandemia (principalmente em Maio de 2020, antes do início do pagamento do Auxílio Emergencial), com cerca de 50% de pontos percentuais de “ruim ou péssimo” (XP/Ipespe, 2021). Esse pico de reprovação decresceu vertiginosamente durante o período de vigência do Auxílio Emergencial, chegando ao mínimo em Outubro de 2020 (31% de ruim e péssimo), mas atingindo novamente altos índices de reprovação - chegando a 42% de ruim e péssimo - no mês de Fevereiro de 2021 (2 meses após a suspensão do Auxílio Emergencial). Na última pesquisa Atlas, observa-se o primeiro pico de reprovação do governo também em Maio de 2020 (chegando a 6%), com redução significativa nos meses subsequentes, e volta do crescimento da reprovação a partir de Novembro, chegando a 60% em Março de 2021 (Atlas, março de 2021).

Em relação ao foco de nossa análise (a classe média, de renda acima de 5 Salários Mínimos, subdivididos a partir de 10 S.M. em classe média “alta”), podemos observar que em Maio de 2020 (no primeiro pico de reprovação do governo) quando havia 33% de “Ótimo e bom” nas avaliações gerais, eram 36% quando daqueles com renda entre 5 e 10 SM e 42% acima de 10 S.M. (Datafolha, Maio de 2020); assim, é significativo ressaltar a diferença de 4 pontos percentuais “a mais” de aprovação na *classe média* e 9 pontos “a mais” na *classe média alta*.

## CONCLUSÕES:

Apesar da existência de um processo eleitoral tecnicamente eficaz, de um Congresso formalmente funcional e de outras características democráticas (formais) ativas no país – que configuram uma democracia funcional, ainda que deteriorada – tal contexto não deve ser visto como impeditivo do avanço de um movimento *fascista*; conforme observado na experiência da Itália (Dória, 2020) com a realização de *cálculos táticos* (Boito, 2019). De fundamental importância ressaltar, com relação à democracia liberal burguesa, que o *fascismo* realiza um questionamento sistemático do sistema eleitoral e da autonomia e legitimidade dos poderes de Estado, tendo como fim último a anulação de instâncias legislativas e judiciárias, com o “governo por decreto”.

Igualmente importante, é diferenciar o bolsonarismo (como movimento dotado de ideologia própria, de caráter *neofascista*), do governo de Bolsonaro, que é enquadrado – ainda que de forma tensionada – nas instituições democráticas, a partir da articulação de agentes e interesses distintos. Ressalta-se que, em uma perspectiva materialista e histórica, a ascensão do bolsonarismo é também a busca de forças sociais pela realização mais profunda da *alternativa neoliberal* no Brasil, a qual observo desde as análises a respeito da prevalência negociado sob legislado na Assembleia Nacional Constituinte, em *A Legislação Trabalhista no Brasil: 1964 – 1988* (Faria, 2019), até os debates a respeito da Reforma Trabalhista de 2017, em *Reforma Trabalhista: Disputas de interesses na regulação do trabalho* (Faria, 2020) e *A Reforma Trabalhista de 2017 e o aprofundamento do neoliberalismo autoritário no Brasil* (Campos, G. Campos, J.; Faria, H; 2021).

Por fim, quanto a outras semelhanças importantes entre as variantes *fascistas*, destaca-se: o estágio do movimento popular (progressista e/ou revolucionário), que encontra-se politicamente na defensiva; o processo de *crise* que antecede a ascensão como resultante de uma disputa entre frações da burguesia (ou seja, uma crise de *hegemonia* no interior do bloco no poder) com a intervenção política massiva de uma classe social intermediária; e a defesa da família conservadora (principalmente na tríade “Deus, pátria e família”), estabelecendo uma dimensão reacionária, mobilizada principalmente pelo fundamentalismo cristão e pela participação orgânica de lideranças religiosas, muitas das quais incentivam a intolerância e consolidam uma obediência acrítica de suas bases (apesar de não representarem a pluralidade das experiências religiosas, que realizam importantes resistências à extrema direita e ao fascismo, ontem e hoje).

No integralismo brasileiro, a participação religiosa na base social do movimento fascista era majoritariamente católica e conservadora (apesar da presença protestante e espírita), o que refletia-se no caráter messiânico do líder e no aspecto inquestionável da doutrina integralista, que demandava fê, igualando críticas à descrença; uma postura similar aquela do fundamentalismo religioso perante sua doutrina. No *neofacismo*, pode-se notar maior participação de setores neopentecostais em associação com setores conservadores do Congresso, materializados por exemplo na “bancada da bíblia”. Os efeitos pertinentes à ascensão do fascismo a partir da participação dessas bases organizadas não são provenientes da religiosidade em si, mas sim da visão fundamentalista: aquela de setores de qualquer religião que se reconhecem como portadores da única interpretação verdadeira e válida, anulando as possibilidades de diálogo e criando assim uma base altamente maleável ao senso de oportunidade das lideranças; que podem se unir a setores políticos conservadores em prol da “agenda moral”, conservadora e reacionária (Gallego, 2018).

A partir da apresentação desta síntese teórica, que buscou contribuir para o debate da caracterização do movimento bolsonarista, afirma-se a opção teórica por enquadrá-lo como uma variante *fascista*, dado a pertinência analítica do conceito para a análise do fenômeno concreto. Ressaltadas as diferenciações pertinentes, às duas variantes do fascismo dizem respeito a um *movimento reacionário de massas, enraizado em classes intermediárias típicas das formações sociais capitalistas, com ideologia heterogênea e pouco sistemática, e com um discurso superficialmente crítico, mas profundamente conservador*. Assim, nos alinhamos a necessidade de desenvolvimento de um conceito amplo de fascismo, que vá além de fenômenos particulares de um período histórico finalizado e irreproduzível e que permita a análise de fenômenos concretos da atualidade (Boito, 2019; 2020).

Por fim, analisando tais movimentos amplos da sociedade brasileira, concluímos que uma parte da classe média – a partir da crítica à oposição do Governo Federal em adotar medidas de isolamento social e de paralisação da produção econômica, em conjunto com um discurso direto do presidente de incentivo a movimentos a favor da reabertura do comércio e de flexibilização do isolamento social, contrapondo-se a grande maioria de governadores e prefeitos, hipótese apresentada no projeto inicial – se afastou do governo federal, que compensou tal perda de apoio principalmente com a vigência do Auxílio Emergencial, ganhando aprovação nas camadas mais pobres da população e mais residentes na região Nordeste. Nestas, foi verificada a maior queda na rejeição durante o período de vigência da política massiva de transferência de renda.

Esta maleabilidade da base social é significativa de uma das características mais estruturantes do fascismo, e fundamental para a realização de um conceito amplo que abarque experiências contemporâneas: a realização de *cálculos táticos* - que conta com a *transversalidade* de classe do programa político - e de consequentes reconfigurações, para a manutenção e avanço da plataforma política fascista. A partir da análise das pesquisas de opinião podemos observar que, apesar de manter taxas significativas de aprovação nos estratos médios, *houve o desembarque de alguns setores da classe média da base social do governo*, considerando sua heterogênea composição e os momentos de inflexão no apoio.

Assim, apesar das limitações contextuais para o avanço da dimensão empírica, realizamos uma análise das pesquisas de opinião, na medida do possível e em constante relação com o desenvolvimento dos eixos teóricos, evidenciando hipóteses explicativas sobre o comportamento político da classe média – para confirmar e complexificar a tese inicial (considerando a heterogeneidade de composição da classe): *de adesão e posterior afastamento eleitoral de setores da classe média em relação ao bolsonarismo*, apresentada no Relatório Final de atividades.

---

## BIBLIOGRAFIA:

BOITO JR., Armando. Reforma e crise política no Brasil: Os conflitos de classe nos governos do PT. Campinas: Ed. Unicamp, 2018.

\_\_\_\_\_. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. *Crítica Marxista*, no 50, 2020.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CARDOSO, Adalberto. Classes médias e política no Brasil (1922-2016). Rio de Janeiro: FGV, 2020.

CAVALCANTE, Sávio. Classe média e ameaça neofascista no Brasil de Bolsonaro. *Crítica Marxista* no 50, 2020.

\_\_\_\_\_. Classe média, meritocracia e corrupção. *Crítica Marxista* no 46, 2018.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre as “classes médias” no capitalismo contemporâneo. 7o Seminário Rede de Estudos do Trabalho, 2010.

\_\_\_\_\_. Classes médias e modo de produção capitalista: um estudo a partir do debate marxista. Tese. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2012.

\_\_\_\_\_. Reprodução social e revolta política da classe média no Brasil recente. 39o Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 2015.

CAVALCANTE, S.; ARIAS, S. A divisão da classe média na crise política brasileira. In: Bouffartigue, P.; Boito, A.; Bérout, S.; Galvão, A.. (Org.). O Brasil e a França na mundialização neoliberal: mudanças políticas e contestações sociais. São Paulo: Alameda, 2019, v. 1, p. 97-125.

CNT/MDA. Rodada 131. Junho de 2016, disponível em: <<http://cms.cnt.org.br/Imagens/%20CNT/PDFs/%20CNT/Pesquisa/%20CNT/%20MDA/relatorio/%20sintese/%20cntmda131.pdf>>.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DATAPODER360. Avaliação do Governo Bolsonaro. Realizada de 27 a 29 de Abril de 2020.

ESTANQUE, Elísio. Classe Média e lutas sociais: Ensaio sobre a sociedade e trabalho em Portugal e no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

FOUCAULT, Michel. Nascimento da Biopolítica. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LAZZARATO, Maurizio. O Governo das Desigualdades: Crítica da insegurança neoliberal. São Carlos: Edefscar, 2011.

NICOLAU NETTO, Michel; CAVALCANTE, Sávio; CHAGURI, Mariana. “O homem médio e o conservadorismo liberal no Brasil contemporâneo: o lugar da família”. Paper do 43o Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, 2019.

SAES, Décio. Classe Média e Sistema Político no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

\_\_\_\_\_. A Formação do Estado Burguês no Brasil (1888-1891). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

Retrato Narrado – Bolsonaro. Leticia Duarte. Série original Spotify e Revista Piauí, produzida pela Rádio Novelo. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/retrato-narrado/>>.

Acesso em: 05/02/2021.